

**CONTRIBUIÇÕES PARA MEMÓRIA COLETIVA SOBRE A
PANDEMIA: a construção de documentário sobre mulheres solteiras em
isolamento social no Brasil**

Clara Mazzei Sobral¹
Darlane Silva Vieira Andrade²
Francileide Araujo³

Este texto traz um relato de experiência sobre a construção do documentário *Oi, sumida - Um documentário sobre mulheres solteiras em isolamento social no Brasil*⁴, realizado como produto de Estágio Supervisionado Obrigatório no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, da Universidade Federal da Bahia. Apresenta a dinâmica do estágio, embasamento teórico, processos técnicos e colaborações do produto para construção de memória coletiva sobre a pandemia, do ponto de vista de mulheres solteiras brasileiras.

Em março de 2020, atendendo às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) como medida de segurança para a contenção do novo coronavírus (COVID-19), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) suspendeu suas atividades presenciais, acadêmicas e administrativas, passando por um período de adaptação para o ensino remoto. Em meio a esse período de incertezas em relação à extensão das medidas de isolamento social, as atividades relacionadas ao componente de Estágio Supervisionado Obrigatório no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), também

¹ Possui graduação em Direito pela Universidade Católica do Salvador (2009). Atualmente cursa o Bacharelado em Estudos Gênero e Diversidade pela Universidade Federal da Bahia. É bolsista da FAPEX no Projeto “Countering the Backlash, Reclaiming Gender Justice”, NEIM/UFBA.

² Psicóloga (CRP-03/03187), Doutora em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA), no Grupo de Pesquisa NEIM-GAD - Gênero, Alteridades e Desigualdade. Docente no Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da UFBA, no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade e no PPGNEIM/UFBA.

³ Bacharel em Gênero e Diversidade na UFBA, Mestrado em andamento em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA), é bolsista da FAPEX no Projeto “Countering the Backlash, Reclaiming Gender Justice”, NEIM/UFBA.

⁴ O documentário foi lançado no dia 15 de agosto de 2021 no canal do youtube, no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=FXFGGen-RLLQ> e pode ser acessado no Repositório institucional da UFBA, no link: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34196>

foram interrompidas. Com a retomada das aulas em setembro de 2020, através do Semestre Letivo Suplementar, precisamos trocar o nosso campo de estágio, visto que as instituições em que vínhamos atuando anteriormente não estavam aceitando estagiárias de maneira remota. Sendo assim, passamos a realizar atividades de estágio no Grupo de Pesquisa Gênero, Alteridades e Desigualdades (GAD), vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares do a Mulher (NEIM) da UFBA, sob supervisão da Profa. Dra. Darlane Vieira Andrade. As atividades aconteceram por dois semestres.

O Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade é um curso de graduação criado em 2009 na UFBA, como iniciativa do NEIM, “e vem responder a uma demanda crescente por profissionais capazes de formular, acompanhar e monitorar projetos e ações de materialização de direitos, imbuídos de uma perspectiva crítica de gênero e diversidade”⁵. O curso possui três componentes de Estágio Supervisionados Obrigatórios, objetivando “proporcionar a aprendizagem teórico-prática para analisar, compreender e intervir na realidade social”, segundo o art. 2o. do Regimento de Estágio⁶. Os campos de estágio incluem instituições públicas e privadas que atuam com a temática gênero e diversidade, e neste sentido, incluem grupos de pesquisa da própria Universidade, como o NEIM GAD.

Registrado desde 2019 no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, o NEIM GAD⁷ está descrito na plataforma como

originalmente uma linha de pesquisa do NEIM da UFBA, atuando ininterruptamente desde 1983, este grupo de pesquisa recobre ampla área de interesse, reunindo investigações empíricas e reflexões teóricas, numa perspectiva feminista e interdisciplinar, sobre produção e expressões de gênero na sua diversidade, voltando-se para a análise das relações, modos de vida, sociabilidades, lugares, instâncias e significados em que elas se forjam e se transformam no espaço e no tempo. Dedicar-se à análise da dinâmica das relações sociais, ou seja, das suas várias intersecções, seus efeitos e contextos específicos nos quais elas têm lugar, debruçando-se sobre parâmetros teórico-metodológicos para uma reflexão sobre a diferenciação/articulação dos marcadores sociais de desigualdades, como gênero/sexo, idade/geração, raça/etnia, sexualidade/orientação sexual e classe social nas sociedades capitalistas, com ênfase na análise da sociedade brasileira.

Atualmente o GAD conta com duas linhas de pesquisa: “Gênero, gerações e sociabilidade” e “Interseccionalidades, modos de vida e processos de subjetivação”. As

⁵ Apresentação do Bacharelado na página do curso, disponível em http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=126

⁶ O Regimento do estágio pode ser acessado em: http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=589

⁷ O Espelho do grupo no CNPq pode ser acessado em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/507417>

docentes que compõem o presente grupo de pesquisa são Profa. Dra. Alda Britto da Motta, Profa. Ms. Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira, Profa. Dra. Anni de Novais Carneiro, Profa. Dra. Darlane Vieira Andrade, e Profa. Dra. Márcia dos Santos Macedo.

Como atividade prevista para a realização do estágio, optamos, junto com a supervisora, por reforçar a divulgação das pesquisas realizadas pelas professoras e estudantes do grupo para as/os demais discentes do BEGD, e, por que não, a toda comunidade, o que tem sido um dos maiores objetivos e desafios do grupo de pesquisa, mesmo antes do início das atividades remotas. Levar a Universidade para interagir com a comunidade, visando a troca de saberes, faz parte da política extensionista que se estabelece a partir do Plano Nacional de Extensão, formulada pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. E foi pensando nessa comunicação com a sociedade que, no decorrer dos componentes Estágio Supervisionado Obrigatório em Gênero e Diversidade II e III, tentamos trabalhar de modo a ampliar o acesso e a movimentação das mídias relacionadas ao GAD, da linha de pesquisa “Interseccionalidades, modos de vida e processos de subjetivação”, a exemplo das mídias atreladas aos estudos sobre solteirice, coordenados pela professora supervisora de campo e acadêmica, Dra. Darlane Andrade, e as mídias relacionadas ao NEIM GAD⁸, tarefas possíveis de serem realizadas à distância, compatíveis com o momento de isolamento social.

Nossa colaboração, que gerou a construção de um documentário sobre mulheres solteiras em isolamento social no Brasil, como produto das atividades de estágio, se deu ao pensar sobre o lugar ocupado pelas mulheres na pandemia. Neste período, temos observado a acentuação da divisão sexual do trabalho na vida das mulheres, que além da rotina de estudos, trabalho e cuidados com as pessoas, passaram a desempenhar funções outras como a adoção de medidas para conter o novo coronavírus como a constante higienização de objetos, além de incluírem no exercício do cuidado, aquele com as

⁸ Endereços para acesso a estas mídias:

www.instagram.com/solteiriceemestudo

<https://www.facebook.com/groups/solteiriceemestudo>

www.solteirice.com

<https://www.youtube.com/c/GADNEIM>

<https://www.facebook.com/groups/gadneim>

peças que pertenciam ao grupo de risco. Destacamos também que a situação das mulheres na produção da ciência sofreu um grande impacto, principalmente naquelas que são mães solo e desempenham uma tripla jornada sem nenhuma rede de apoio. A pesquisa intitulada *Parent in Science*, que busca investigar como a pandemia acentuou as desigualdades entre docentes, pesquisadoras/es e alunas/os de pós-doutorado, doutorado e mestrado, mostrou como resultado preliminar, divulgado em relatório que contou com a resposta de 2.000 acadêmicas/os sendo 70% mulheres, que 40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos, contra 20% dos homens; e 52% das mulheres com filhos não concluíram seus artigos, contra 38% de homens na mesma condição. Antes da pandemia as mulheres produziam 40% dos artigos acadêmicos, em 2020 esse número caiu para 28% (PARENT IN SCIENCE, 2020). Esse é um dos efeitos colaterais do coronavírus na vida das mulheres que fazem ciência.

A partir disso, o nosso principal objetivo com a intervenção de estágio foi contribuir com a divulgação científica, elaborando um documentário relacionado à pesquisa *Solteiras/os em isolamento social: um estudo transnacional*, coordenada pela Professora Dra. Darlane Andrade (ANDRADE e cols., 2020), ainda em andamento, que visa compreender como pessoas solteiras de diferentes países estão vivenciando o período de isolamento e distanciamento social em função da pandemia da COVID-19/ Novo Coronavírus, a partir de uma perspectiva feminista e de gênero. Esse estudo tem caráter interdisciplinar e transnacional, envolvendo docentes da UFBA, da Universidade de Brasília, da Universidade de Lodz, na Polônia, e da Universidade do Distrito de Columbia, nos Estados Unidos, bem como discentes da UFBA. Busca visibilizar uma parcela da população que não está em destaque nos discursos sobre prevenção, cuidados da saúde e assistência, que focam em como se proteger e a sua família em situações de adoecimento pelo novo coronavírus. Ao mesmo tempo, dialoga com as dificuldades que temos observado em relação às mulheres postas aqui no que se refere à multiplicidade de tarefas e produção acadêmica, tendo em vista que muitas mulheres solteiras são cuidadoras de seus pais e familiares idosos/os ou que tenham algum tipo de necessidade especial, por exemplo. Quando cientistas, podem também se sentirem sobrecarregadas em função das demandas de cuidados e o precário incentivo à produção científica no país, especialmente na atual conjuntura.

Consideramos importante contrapor o discurso hegemônico familista que está nas bases das notícias sobre a pandemia e não mencionam como as pessoas solteiras vêm

lidando com a situação de isolamento social, (re)organizando suas rotinas, suas redes de relações e como mantém o autocuidado.

A solteirice é considerada uma condição ou situação da pessoa que está solteira. É vista como uma construção sócio-histórica, cultural e discursiva, que abarca as dimensões de estado civil, estilo de vida, solidão e liberdade, sendo esta última também o seu principal significado, segundo estudo de Darlane Andrade (2012), realizado em Salvador. A discussão sobre solteirice se embasa numa perspectiva interdisciplinar e feminista das relações de gênero, atentando para a (cis)heteronorma que ainda é forte em nossa cultura ocidental, de característica patriarcal, familista e de casal, que incidem nas experiências e subjetividades de pessoas solteiras adultas. Essas pessoas são postas em uma situação paradoxal, em que novos modelos convivem junto com algumas tradições, por exemplo, apesar da solteirice ser mais aceita, ainda assim, as mulheres solteiras têm que explicar sua condição e são cobradas pelo casamento, o que pode gerar ainda sofrimento para elas.

Partindo desse olhar, o estudo em questão propõe investigar aspectos da vida pessoal e vivências da solteirice das pessoas solteiras na pandemia, como trabalho, lazer, atividades domésticas, exercício da sexualidade - incluindo relacionamentos virtuais -, saúde mental, e, fazendo um recorte de dados construídos no Brasil, opiniões sobre as políticas de contenção do coronavírus, considerando a importância do contexto sociopolítico nas vivências cotidianas. A pesquisa inclui pessoas solteiras de ambos os sexos, acima de 18 anos de idade, que não estejam envolvidas em um relacionamento amoroso; solteiras/os que nunca se casaram, separadas ou divorciadas, viúvas; solteiras/os que estão morando sozinhas/os ou compartilhando a residência no período de isolamento social/quarentena.

A pesquisa usa estratégia metodológica mista, com a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas, para obter uma compreensão maior do fenômeno estudado. O estudo tem caráter exploratório, utilizando questionário e entrevista semiestruturada como instrumentos, com dados analisados a partir de análise de conteúdo.

A primeira etapa teve início em 2020, com levantamento de dados através de questionário *online*, aplicado a pessoas solteiras da rede de contato da equipe e divulgado em redes sociais. A segunda etapa foi iniciada em maio de 2021, com realização de entrevistas semiestruturadas com solteiras e solteiros que participaram do primeiro

momento do estudo e que se colocaram disponíveis para continuar colaborando. As entrevistas, que aconteceram através do *Zoom Meeting*, foram gravadas e transcritas. Participaram do estudo, respondendo ao questionário, 1717 pessoas, sendo 867 no Brasil, 778 na Polônia, 72 nos Estados Unidos e 66 de outros países (estes demais países não entrarão na análise dos dados, priorizando os três países indicados). Na etapa das entrevistas, até o momento foram realizadas 17 com pessoas solteiras no Brasil (destas, 13 são mulheres) e 8 nos Estados Unidos (6 mulheres e 2 homens).

Para a realização do documentário, buscamos, a partir das entrevistas para a pesquisa com solteiras brasileiras, colher depoimentos sobre vivências da solteirice neste período, focando nas diferenças culturais das participantes residentes em diferentes regiões do país, olhando para estes relatos desde uma perspectiva feminista e interseccional. A ideia inicial foi compreender e mostrar para a comunidade como as pessoas solteiras estão vivenciando este momento, trazendo diferentes dimensões das experiências como solteiras. Porém, tivemos que selecionar alguns aspectos pela limitação do tempo de duração do vídeo (11:45min), que serão apresentados adiante.

O produto audiovisual teve como base três das entrevistas realizadas com mulheres brasileiras até o presente momento na pesquisa. Na busca pelas pessoas para as entrevistas, encontramos alguns desafios como a falta de retorno do contato, muitas que responderam ao questionário no início de 2020 já não estavam mais solteiras, e muitas que aceitaram ser entrevistadas não autorizaram o uso do material para o documentário por questões relacionadas à não quererem exposição, pela timidez, por motivos de trabalho e outros. Consideramos que isto acabou limitando um pouco a nossa proposta inicial de trazer uma quantidade maior de pessoas e diversidade de locais de falas que queríamos: além da regionalidade, uma diversidade de gênero, orientações sexuais, raça e tipo de moradia. Assim, das pessoas entrevistadas, quatro autorizaram o uso da imagem e som para o documentário, dentre elas, um homem. Com este número, optamos por focar nas falas de três mulheres naturais da Bahia, Belém do Pará (atualmente residindo no Rio de Janeiro) e São Paulo. Todas são de classe média, cisheterossexuais, na faixa etária de 30 a 40 anos, uma se declara branca, uma parda e outra preta. Uma delas mora sozinha e as demais residem com os pais.

Definimos priorizar as mulheres para dar destaque às suas vivências na pandemia, considerando que na nossa cultura são elas que estão mais vulneráveis pelas questões de gênero que as atravessam, vivenciando violências nas relações de todo tipo, que incluem para as solteiras, as cobranças em torno do casamento e constituição de família, onde vemos operar os dispositivos amoroso e materno, como discute Valeska Zanello (2008), sendo ainda estereotipadas, o que pode resultar em sofrimento psíquico – que já vem sendo acentuado na pandemia. Estudos tem apontado como contextos de crise, como a pandemia, afetam a saúde mental da população, resultando em aumento de sentimentos como angústia, solidão, medo, sintomas de ansiedade e outros (MORAES, 2020).

Para o documentário, fizemos uma escolha em trazer os seguintes temas, divididos em nove cenas: 1.apresentação do contexto de cortes de orçamento na educação, e ameaças aos estudos de gênero; 2. apresentação da pesquisa; 3. apresentação das entrevistadas; 4. sobre vivências da solteirice: preconceitos; 5. dificuldades na expectativa de encontrar um relacionamento; 6. dificuldades pelo contexto sociopolítico do país; 7. como a rotina e saúde mental têm sido afetadas; 8. sobre sexualidade e 9. ressignificação da solteirice. Ao final, foi apresentada a equipe de produção do vídeo. Usamos recursos visuais das mídias (imagem de página de *instagram*, por exemplo e sons que ouvimos quando recebemos mensagens no *whatsapp*), para dialogar com o contexto de interação com os recursos das redes sociais que tem sido utilizados cotidianamente para os diversos fins, desde o trabalho ao exercício da sexualidade (como os aplicativos de encontro, acesso a pornografia, *sextings*, etc.)

A cada fala, nos identificamos também como mulheres solteiras que estão realizando atividades de trabalho remotamente, afastadas das nossas redes de amizade, familiares, da rotina de muitas atividades de lazer que nos eram comuns, como os encontros em bares e festas, com exercício da sexualidade muitas vezes limitado à masturbação e uso de *sex toys*.

No recorte que fizemos, destacamos aqui como o contexto político do país, de cunho negacionista, tem colaborado para gerar sofrimento, como na fala da entrevistada Tamiris, no documentário:

Com o número de mortes sendo atualizados todo dia, enfim, a falta de leitos, os retrocessos das políticas, tudo isso vai gerando muita ansiedade, né? Angústia, tristeza, raiva, porque eu acho que é um sentimento de raiva pelo descaso mesmo que o governo tem tratado a situação, né? É um governo que é

negacionista, é um governo que bate de frente com a ciência, né, então, é... Proliferou o uso da cloroquina que não tem efeitos cientificamente comprovados. (Tamiris)

Quando mencionaram alguma dificuldade relacionada à solteirice, falam das limitações em ter encontros amorosos presenciais, mas mostram que estar em um relacionamento não necessariamente é sinônimo de felicidade ou bem estar. As opiniões trazem um contraponto a ideais sociais de felicidade que são construídos em torno das relações, impostos principalmente às mulheres. Em uma cultura ainda patriarcal e de relacionamentos tóxicos, estar engajada em um nem sempre é sinônimo de saúde e felicidade.

É... Sobre dificuldades de ser solteira na pandemia... Eu acho que os relacionamentos... Ter um relacionamento, por si só, não diz se é um fator de proteção, se é um fator de risco, né? Nem sempre é positivo ter um relacionamento. (Tamiris)

Sobre a solteirice, as falas das mulheres trouxeram aspectos positivos relacionados ao fato de estarem solteiras, como uma condição que proporciona bem estar e autoconhecimento, como diz Deuzanira “No sentido de solteirice, eu realmente gosto de ser solteira”. Mas elas também enfrentam preconceitos em função da cultura patriarcal que ainda vivemos, que espera das mulheres o casamento e olha as solteiras de modo estereotipado, como a literatura vem discutindo (ANDRADE, 2012).

Eu vejo que as pessoas acabam é... Achando que tem algo de errado comigo, né? Muitas amigas perguntam, você está solteira, você não tem ninguém. E não é algo de errado, o que é que tem de errado? Não tem nada de errado (Iris)

Tem muito isso das pessoas fazerem inferências, sabe, do tipo: “ai, porque deve estar infeliz ou ai porque não consegui ninguém”. Então assim, a gente tem tantos estereótipos, a gente está tão imerso, né? Submerso, na verdade, num padrão de sociedade patriarcal, machista e etc., que a gente, é rotulado com base nessas experiências, sem que haja realmente um entendimento da experiência do que é ser solteiro, porque, enfim. Qual tipo de estilo de vida, qualidade, quais são as formas de interação social que a gente faz, quais são nossos critérios e parâmetros, né? Enfim, se a gente é feliz ou não é. (Deuzanira)

Sobre a sexualidade, as mulheres falaram da importância deste aspecto da vida, num movimento de desconstrução de que a sexualidade deve ser exercida exclusivamente com uma companhia, e mostrando o protagonismo que tem no se descobrir e sentir prazer.

Eu e minha amiga, a gente dizia “porra, faz três meses que a gente não sabe que é sexo”, “o que a gente vai fazer da vida agora?” Então era muito engraçado isso. É... Mas, assim, a gente começou com três meses a sentir falta do sexo, não necessariamente três meses, mas assim a gente começou a conversar sobre estar sentindo falta de sexo. Como resolve falta de sexo? Não tem ninguém, é complicado blá blá blá, não tinha muito conhecimento. Vamos para os brinquedos, normal, vamos para os brinquedos. Tinha antes? Tinha! Aumentei a quantidade na pandemia? Aumentei! Aumentei com certeza! (Deuzanira)

E aí eu também tô num período de poder descobrir a minha própria sexualidade, de poder entender o que é que eu gosto, né? O quê que me faz bem. Eu acho que é um processo aí de aprender a se satisfazer também sozinho, no sentido de não depender de uma outra pessoa, para que possa me satisfazer, né? (Tamiris)

O documentário é finalizado com as falas que mostram desconstrução de estereótipos da mulher solteira, carente, desesperada, refletindo em vivências mais positivas desta condição, auxiliadas também pelo contexto de isolamento social na pandemia, que, apesar das angústias causadas pelo cenário político, tem proporcionado autoconhecimento.

Se eu não tiver alguém agora eu vou ficar desesperada? Não. Pra mim realmente não. Porque uma das coisas que a pandemia, assim, que é algo que eu já tinha o hábito, mas o que a pandemia me ensinou assim, tem me ensinado bastante é eu aprender a desfrutar da minha própria companhia (Iris)

A gente é muito bem ensinada a amar o outro, mas muito pouco ensinada sobre amar a nós mesmas. E então foi interessante porque, pra mim, foi uma coisa boa. (Tamiris)

O processo criativo nesta construção foi um desafio, pois tivemos que adaptar uma linguagem acadêmica para o audiovisual, já que não queríamos um documentário voltado apenas para a Universidade, mas que tivesse o potencial de circular entre outros espaços e meios de comunicação. Isto porque acreditamos ser um projeto de relevância histórica, visto que se trata da documentação de memórias, objetivas e subjetivas, não apenas da pandemia da COVID-19, mas também de um dos momentos mais críticos da história recente do país, em termos econômicos, políticos, e culturais, que vem acarretando em cortes no orçamento das Universidades Federais, esvaziamento do investimento em pesquisa, negacionismo da ciência e os constantes ataques aos estudos de gênero, promovidos principalmente pelo Governo Federal.

Entendemos que nosso trabalho tem potencial de contribuir com a construção de uma memória coletiva sobre esse período, podendo se tornar uma fonte para as futuras

gerações entenderem como está sendo viver neste momento no Brasil. Este aspecto também foi levado em consideração no planejamento da distribuição do documentário. Antes, tínhamos a intenção de nos inscrever em festivais e mostras de curtas, mas, seguindo nosso objetivo, decidimos disponibilizar nas redes sociais, de modo a circular e servir também para a construção de portfólio para futuramente pensar em algum edital para uma produção mais estruturada.

A questão financeira foi outro desafio, pois não tínhamos nenhum orçamento para a realização do documentário. No momento que pensamos em solicitar recurso para universidade, sem ser por editais da Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS), o Governo Federal, através do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA), cortou 18% do orçamento da Pró Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE), impossibilitando o uso desse canal para conseguir o recurso. Buscamos também demarcar esta realidade no documentário, trazendo não somente a pandemia como contexto, mas também os cortes no orçamento das Universidades Federais, pois esses fatores também estavam presentes e influenciaram na elaboração desta intervenção de estágio. A conjuntura política também refletiu nas falas das mulheres que participaram deste documentário, pois a negligência do Governo Federal diante das medidas de contenção da pandemia afetava diretamente a vida das mulheres entrevistadas, como posto nas falas.

Diante dessa conjuntura, utilizamos recursos próprios para arcar com o valor da edição, pois estudando sobre *marketing* digital, algoritmo das principais redes sociais (*youtube* e *instagram*) e consultando amigas e amigos que realizam etnografias das redes sociais, compreendemos o quanto a estética é um dos principais fatores que chamam atenção das/os usuárias/os das redes sociais para clicar e ler o *card* de divulgação, o texto e garantir uma retenção e maior visualização do vídeo. Por esta razão, achamos importante realizar esse investimento, pois não queríamos que nosso projeto ficasse restrito à apresentação na sala de aula (virtual), mas que ele circulasse.

É importante ressaltar que o trabalho foi inteiramente elaborado de maneira remota, via mídias digitais e redes sociais, por conta da pandemia que ainda se estendia. Assim, a estética escolhida para o documentário também dialoga com o momento que estamos vivendo, onde toda interação social, para quem tem o privilégio de poder ficar em casa e ter acesso à internet, se dá através das telas. Nesse mesmo intuito elaboramos

o título, que pensamos que deveria ser curto, não acadêmico, popular e que tivesse ligado às redes sociais. Daí surgiu o “Oi, Sumida!” pois o que antes era ligado a “paquera”, hoje foi ressignificado nas redes sociais por mulheres que preferem estar sozinhas do que mal acompanhadas por certos “embustes”. Então, a expressão agora pode ser lida como uma ridicularização de determinado comportamento majoritariamente masculino de achar que a mulher que está solteira quer voltar a se envolver compulsoriamente com um homem que, depois de um tempo sem a procurar, aparece e afirma que foi ela quem sumiu, mostrando uma falta de interesse e de responsabilização pelos seus atos. No imaginário masculino (e social) parece que ainda estar sozinha não é uma opção. E há outros sentidos também, principalmente em época de isolamento social, onde todas estão sumidas das suas atividades sociais de lazer, profissionais e acadêmicas.

A produção de um documentário como projeto de intervenção foi um processo que partiu do zero, pois nós, as autoras, não tínhamos nenhuma experiência no audiovisual. Portanto, buscamos desde o começo formação, leitura e orientação de pessoas próximas que são do meio. Nesse sentido, a Lei nº 14.017/2020, intitulada de Aldir Blanc, veio como um auxílio emergencial para o setor cultural que estava sofrendo os impactos dos fechamentos de espaços culturais, suspensão de apresentações artísticas e a paralisação de inúmeros projetos de todos os setores culturais. A partir do recurso da Lei, foram oferecidas, de maneira remota, oficinas de formação em várias áreas, inclusive no audiovisual. Com esse recurso e as oficinas disponibilizadas gratuitamente, fizemos cursos de roteiro, pós produção, produção e pós produção, recursos de áudio e vídeo e teorias sobre o cinema documental oferecidos por produtoras, tais como, ITA Audiovisual, Mostra Elas e Mostra Itinerante de Cinemas Negros. Destare, para dar conta do projeto de intervenção, fizemos uma imersão no mundo do audiovisual através dessas oficinas, leituras e referências filmicas e estéticas que nos ofereceram referências para o documentário.

O audiovisual já era de interesse nosso, portanto, esse processo de imersão também foi algo totalmente positivo. Contudo, nesse processo surgiram outras questões, principalmente levando em consideração nosso objetivo de divulgar mais o Grupo de Pesquisa NEIM GAD, rompendo com a linguagem acadêmica e se apoiando no pilar da extensão da universidade. Esse foi um dos maiores desafios, pois estamos inseridas nessa lógica acadêmica e “estourar essa bolha” é algo bem complicado, mas para nosso projeto

foi totalmente necessário. Outra questão que destacamos foram as alianças feitas ao longo do processo de elaboração e execução do documentário. Da equipe do grupo de pesquisa tivemos colegas que também realizaram entrevistas e especialmente a colega Aliane de Lima Oliveira, graduada pela UFBA, que agilizou o processo de transcrição das entrevistas escolhidas para o documentário, facilitando o processo de decoupage e elaboração do roteiro. Larissa Oliveira, também estudante da UFBA, que trabalha na OLA Audiovisual⁹, e que, além de editora, esteve com a gente em todos os processos da elaboração, nos auxiliando em todas as nossas crises e dúvidas.

Diante do caminho percorrido na construção do documentário, consideramos que o projeto de intervenção acabou sendo um processo muito mais íntimo do que imaginávamos. Principalmente dado o contexto dele, num momento pandêmico onde o Brasil à época alcançava mais de 470 mil mortes em decorrência da COVID-19 (em meados de 2021), com o cenário de uma escassez de vacinas, o que nos gerava mais ansiedade e medo. Então, para além do aprendizado nos âmbitos acadêmico e profissional, pois buscamos desenvolvimento e adquirimos experiência em outras áreas, o trabalho em questão teve um impacto muito pessoal, vez que nele está nosso olhar subjetivo não somente sobre a pesquisa, mas também do momento que estamos vivendo, além da nossa identificação e afeto pelas entrevistadas.

Para a formação em analistas de gênero e diversidade, em diversos aspectos o estágio acrescentou compreensão sobre a solteirice das mulheres, numa perspectiva feminista, já que estudar sobre o tema foi um ponto de desconstrução. Ouvir as mulheres, conversar com elas, eleger quais aspectos das suas falas seriam representativos das suas vivências e como poderiam contribuir para desconstrução de estereótipos, foi muito rico nesse sentido.

O aprendizado do processo de construção técnica do documentário foi também muito rico, e se mostrou uma ferramenta muito importante para o diálogo sobre o tema com a sociedade. Aprendemos muito com o uso de técnicas de áudio e vídeo, principalmente na utilização de plataformas como o *zoom meeting*, que usamos para realização das entrevistas; vimos que a elaboração de um roteiro pode ser tão complexo quanto a produção de um artigo acadêmico, e a importância de criar uma intervenção que

⁹ Mais informações sobre OLA AUDIOVISUAL em <https://olaaudiovisual.wixsite.com/laissaoliveira>

marque o período que estamos vivendo. O produto do estágio possibilitou trazer a visão de mulheres sobre solteirice na pandemia exposta em vídeo publicado em uma plataforma de grande acesso, e que tem o potencial de alcançar pessoas dentro e fora do meio acadêmico, podendo chegar em pessoas das mais diversas gerações e localidades, a partir de uma linguagem mais acessível e relatos reais de mulheres reais, mostrando que a produção acadêmica pode e deve incluir arte e permitir-se o mais acessível possível.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Darlane e cols. *Solteiras/os em isolamento social: um estudo transnacional. Projeto de Pesquisa*. Departamento de Estudos de Gênero e Diversidade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *A “solteirice em Salvador”: desvelando práticas e sentidos entre solteiros/as de classes médias*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher – NEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BRASIL. Lei N° 14.017\2020.
<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>
Acesso em: 25 Jul. 2021

NEIM GAD GÊNERO, ALTERIDADES E DESIGUALDADES. Espelho do Grupo no CNPq <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/507417>

MORAES, Rodrigo Fracalossi. *Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva*. IPEA, abril, 2020. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>
Acesso em 1 Jun. 2020

OI, SUMIDA! - Um documentário sobre mulheres solteiras em isolamento social no Brasil. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34196>
<https://www.youtube.com/watch?v=FXFGGen-RLLQ>

PARENT IN SCIENCE. *Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade*. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à COVID-19. Publicado em: 03/07/2020.
https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true Acesso: 24 Jul. 2021

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos*. Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Editora Appris, 2018